

Poesia, a linguagem do indizível

Keila Mara de Souza Araújo Maciel
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória - ES

Resumo: Analisa-se a poesia enquanto criadora de língua e realidade. Na perspectiva do filósofo Vilém Flusser, o poeta excede o ambiente da conversação, aproxima-se do indizível e devolve o espanto à palavra. A poesia mantém a língua viva, pois ao dizer originariamente o que diz, como se fosse a primeira vez, mais que versar sobre a realidade, desvela o abismo no qual essa realidade se sustenta. A poesia, em clima de suspensão, cria novos significados para as palavras, novas regras de sintaxe e morfologia, desmembra e reorganiza os discursos criando o espanto, estranhamento e, portanto, in-formação.

Palavras-chave: Linguagem poética. Realidade. Indizível.

Abstract: In this study we analyze poetry as source of language and reality. Based on the perspective of Vilém Flusser, the poet surpasses the environment of conversation, he approaches the unspeakable and brings the astonishment back to the word. Poetry keeps the language alive, as by saying originally what the poet says, as if it were for the first time, he traverses reality and unveils the abyss in which this reality is sustained. Poetry, in a climate of suspension, creates new meanings for words, new rules of syntax and morphology, dismembers and rearranges the discourses creating astonishment, estrangement and, therefore in-formation.

Keywords: poetic language, reality, unspeakable.

Poesia cria realidade

A poesia sempre foi uma espécie de redoma para a linguagem. O lugar de isolamento. Refúgio que oferece ao poeta o distanciamento da conversação diária e lhe garante o poder de criar língua e evitar a entropia (perda de sentido), garantindo que o improvável aconteça na língua. Martin Heidegger, pensador influente na formação filosófica de Vilém Flusser, atribui à poesia o poder de salvar “[...] a linguagem da miséria e desinteresse de seu uso público e habitual.” (PESSOA, 2002, p. 171-172). O papel do poeta é garantir o teor informativo da linguagem, pois o falatório do cotidiano diminui a amplitude semântica das palavras, que passam a dizer sempre o mesmo – praticando repetição que não diz nada, que não orienta.

“O projeto poético provém do nada, à medida que nunca aceita a sua oferta a partir do habitual e do que até então havia.” (HEIDEGGER, 1977, p. 61).

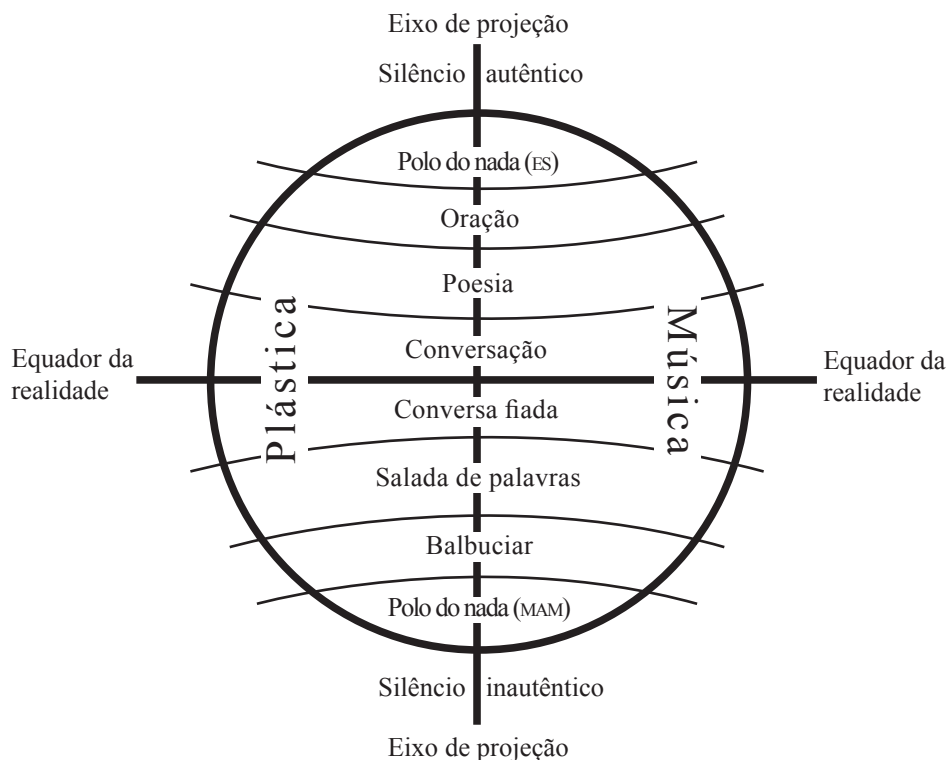
A poesia cuida da linguagem porque o seu discurso, ao contrário de apenas repetir o que todos falam, busca dizer o que diz desde o indizível do que é dito. O poeta é guardião da linguagem, a sua guarda consiste em cuidar do que os entes são restituindo origem à realidade do que é dito. (PESSOA, 2002, p. 172)

Por concordar com as concepções de Heidegger e por desejar desenvolvê-las, promovendo uma maior aproximação com a linguagem e poesia, Flusser desenvolve um gráfico, uma espécie de mapa que organiza as várias fases da linguagem em relação à realidade (FLUSSER, 1963, 222). No gráfico, o polo sul representa a transição a partir da língua para a irrealidade; o equador representa aquilo que normalmente é chamado de conversação. Este é o centro do movimento da língua, é o estágio intermediário entre as duas irrealidades, é o lugar da troca e da criação de informações. “O clima do hemisfério sul é o clima da inautenticidade (não participação humana) que progride em direção do polo.” (FLUSSER, 1963, p. 144). Nesse hemisfério, estão representados o surgimento da linguagem e seu exercício inicial, para no outro hemisfério haver o amadurecimento do intelecto, a linguagem como produção humana. O clima do hemisfério norte, então, demonstra um nível mais elevado de consciência e uso da linguagem, é o clima da autenticidade que progride em direção ao polo (FLUSSER, 1963, p. 144-145). Tal progressão se dá a partir do extremo sul, do silêncio inautêntico, do nada inicial:

Se quisermos vislumbrar o mundo nebuloso e difuso dessa conversação incipiente [...] devemos imaginar uma atmosfera do irreal, do sonho, da inconsciência idiótica e do terror da loucura. Pensamentos nebulosos vagavam pelo nada, a procura de um intelecto para articulá-los; intelectos em formação vagavam pelo nada terrificante a procura de pensamentos, a fim de apreender e compreender o terror e destruí-lo. Nesse clima irreal o tecido da língua se formava. (FLUSSER, 1963, p. 213).

Sua análise aproxima os polos do gráfico, pois Flusser acredita no movimento circular da linguagem, que começa com o balbuciar e se amplia em níveis tão elevados que fogem ao domínio do intelecto: “Se encararmos a língua como um processo de realização, devemos vislumbrá-la como algo que se condensa, gradativamente, a partir do calar-se animalesco, para evaporar-se de novo, dentro do calar-se supra-intelectual.” (FLUSSER, 1963, p. 145).

Gráfico 1: Língua e realidade



Fonte: FLUSSER, V. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 222.

Quando se leva em consideração que, na filosofia de Flusser, o intelecto é constituído pela linguagem, encontra-se também com os limites do intelecto humano, que se perde em suas próprias criações. Esta perspectiva se estende à produção filosófica, artística, e tecnológica. Os avanços ocorreram em direção oposta às coisas da realidade, cria-se um mundo de códigos e objetos cada vez mais complexos e distantes dos fatos brutos, tais como aparecem para os indivíduos. A mistura de abstração, alienação, segmentação do conhecimento e mercados consumidores, entre outros fatores, resulta em uma artificialidade absurda, de tamanha amplitude, que já não se pode alcançá-la.

Inicialmente, expõe-se o encontro dos polos. No extremo abaixo da linha equador da realidade há o polo do nada inicial e no extremo de cima, o polo do nada final. “Trata-se de dois silêncios diferentes, embora ambos signifiquem *nada*. É, de um lado, o silêncio do ainda não articulado, o calar-se do animal e do cretino, e, do outro lado, o silêncio do (já não mais) articulável. (FLUSSER, 1963, p. 144, grifo nosso).

[...] devemos dizer que a língua, como um todo, é um processo de realização que tende a superar-se a si mesmo. A língua, essa realização do potencial, expande-se em direção do suprarreal e deixa de ser língua neste avanço. O calar-se amorfo da potencialidade, do qual a língua surge, cede lugar ao calar-se superconcentrado da indiscursabilidade, dentro do qual a língua se perde. (FLUSSER, 1963, p. 144).

Partindo do eixo Equador da realidade, as camadas conversação e conversa fiada são desenvolvidas. Ambas consistem em redes de cruzamento de informação, formadas por intelectos que irradiam e absorvem frases; frases que se cruzam em intelectos. Na conversação, esse processo de criação de informação é autêntico, pois a partir da absorção de frases há irradiação de informações novas e o cruzamento entre elas ocorre. Trata-se da camada na qual os intelectos são formados pelo contato com o outro. Nesse estágio, os intelectos estão abertos uns para os outros, acredita-se na síntese de conhecimentos visando o novo.

Os intelectos absorvem informações emitidas por outros, isto é, aprendem e compreendem, e emitem informações novas, isto é, articulam. Para falarmos existencialmente, os intelectos transformam as informações que lhes são *coisas* em informações que lhes serão instrumentos; neste trabalho produtivo deixam de ser determinados (*bedingt*), para tornarem-se livres (*bezeugt*). (FLUSSER, 1963, p. 152).

Da conversação é que parte o surto por informações novas em crescente escala; “[...] a constante formação de novas frases, isto é, o constante reagrupamento de palavras de acordo com as regras de diversas línguas em formações novas, [...] faz com que o território da conversação cresça constantemente.” (FLUSSER, 1963, p. 148).

Flusser afirma que o progresso da ciência é forma mais evidente do teor produtivo que a conversação possui, pois o aspecto conversação da atividade científica torna-se evidente em todos os seus ramos, à medida que esse tipo de conversação progride. A ciência é uma forma especialmente desenvolvida e concentrada de conversação. Nela são formuladas frases com o propósito consciente de descobrir novas informações, isto é, são feitas tentativas conscientes de estabelecer novas relações entre os elementos da língua, em conformidade com as regras. A conversação é o estágio ideal para a consolidação do pensamento progressista moderno, pois alimenta a crença em uma continuidade ininterrupta, capaz de alcançar melhores estágios, sempre. O nível da conversação, no entanto, é sempre mediano,

por estar no centro do Equador da realidade. Está no ambiente semiamorfo do falatório diário. Nesse estágio, o intelecto ainda não alcançou sua realização plena: “A conversação no sentido restrito, tal qual aparece no gráfico, é uma forma subalterna de realização do intelecto. Mesmo assim, é uma realização por muitos jamais alcançada.” (FLUSSER, 1963, p. 153), anterior ao estágio autêntico da conversação é a camada da conversa fiada.

Flusser faz referência ao conceito de *Gerede* de Heidegger, cuja tradução em português é falatório. O filósofo tcheco considera a expressão em língua portuguesa conversa fiada mais apropriada à sua análise do que a palavra alemã *Gerede*, porque acredita que a camada da conversa tomou as frases da camada da conversação fiada.

Frases formuladas por intelectos participando da conversação são apanhadas por pseudo-intelectos participando da conversa, sem jamais serem inteiramente apreendidos e compreendidos. Digo pseudo-intelectos porque nesta camada um verdadeiro intelecto não chega a realizar-se. São fantoches, imitações de intelectos, intelectos embrionários, algo quase real, porém ainda abaixo do equador da realidade. [...] São produtos da decadência das redes da conversação. São os espectros quase reais da autêntica conversação, são conversações frustradas. (FLUSSER, 1963, p. 154).

O importante ao analisar essa fase é ressaltar o nível de inconsciência que rege a camada da conversa fiada, pois “[...] os intelectos (se é que já podem ser assim chamados) não absorvem as informações que sobre eles se precipitam; nada apreendendo e compreendendo. Simplesmente refletem essas informações mecanicamente [...]” (FLUSSER, 1963, p. 154). Tais informações, tomadas sem propriedade, transitam de pseudo-intelecto para pseudo-intelecto, desenvolvendo uma espécie de segregação, pois a movimentação, supostamente competente, produz movimentos internos e circulares dentro da mesma camada, impedindo que esses pseudo-intelectos desenvolvam informação autêntica, próxima da realidade. O estágio da conversa fiada é o ambiente do falatório inautêntico, uma cópia superficial da conversação¹.

[...] os intelectos realizados em conversação projetam-se da camada da conversa ou tendem a decair nela. À medida que são realizados, participam da conversação, isto é, apreendem, compreendem e articulam. À medida que ainda não são realizados, ou à medida que não conseguem mais realizar-se, deixam de apreender e compreender;

¹ Flusser lembra Wittgenstein e o terror que o filósofo alemão sentia em relação ao estágio tautológico da linguagem. Wittgenstein não visualiza as camadas superiores da língua. Para ele, a língua se resume em falatório, em repetição inautêntica – tautologia. (FLUSSER, 1963, 158).

refletem surdamente frases, participam da conversa. À medida, portanto, que são realizados, são livres, e à medida que ainda ou já não são realizados, são determinados. O intelecto, sendo um processo, só é real na medida em que participa da conversação, e a conversa é somente o último estágio irreal, logo fictício, na realização do intelecto. (FLUSSER, 1963, p. 155-156).

Apesar de reconhecer o teor criativo da conversação, Flusser afirma a necessidade de avançar os estágios da língua, pois a conversação é nível mediano e limitado em relação à realidade. Na conversação há sempre o risco de cair nas redes da conversa fiada. Ao avançar no gráfico, acima da conversação, já em zonas próprias de intelectos realizados, surge a poesia como força criadora capaz de evitar um destino tautológico para a linguagem.

A poesia, na interpretação flusseriana, é um estágio no qual o intelecto se distancia da conversação diária para arrancar novos sentidos das profundezas do inarticulado e criar língua. “A poesia é o lugar onde a língua suga potencialidade, para produzir realidade.” (FLUSSER, 1963, p. 162). O poeta, distanciando-se dos sentidos desgastados das estruturas presentes na conversa fiada e na conversação, promove alterações de sentido, graças às mudanças de regras gramaticais e devido ao isolamento profundo no universo da linguagem. Na poesia, a língua renova-se constantemente, pois regras gramaticais são distorcidas, novas estruturas ficam subentendidas na composição dos elementos na poesia, criam-se novos conceitos com as alterações da forma. Assim, a atividade poética é dupla: impõe novas regras e novas palavras (conceito). Seus pensamentos (frases) são novos e as regras também (gramática nova) (FLUSSER, 1963, p. 164).

Com as mudanças e criação de regras, a liberdade de criação torna-se mais ampla, pois as estruturas que surgem possibilitam novas composições de elementos e aumentam o território da livre escolha.

Poesia, na concepção de Flusser, vai além de um gênero literário. Ele afirma que poesia é “[...] tudo aquilo que traz originalidade, isto é, pensamentos novos, para dentro da conversação, portanto é aquilo que chamamos de poesia ‘sensu stricto’, é filosofia produtiva e é a fase hipotética da ciência.” (FLUSSER, 1963, p. 168). A filosofia está muito mais próxima da poesia do que da ciência, pois o filósofo também busca o recolhimento, o distanciamento da conversação para criar novos conceitos. Para essa finalidade, a filosofia também promove alterações de regras, revisita linhas de pensamento até então seguidas e concebe mudanças, novos conceitos.

Seguindo essas concepções, Flusser mantém-se na busca por uma filosofia-poética, uma filosofia que se inquieta com os limites da linguagem, com o risco da entropia, e quer manter viva a língua, propondo movimentos de síntese, em busca de novos significados.

A linguagem compõe o intelecto e partindo desta formação, o intelecto, por meio da poesia, pode tornar-se criador de língua, pois promove o avanço dos estágios da linguagem. Dessa forma, o intelecto enriquecido o bastante graças à participação autêntica na conversação, pode dar um passo mais elevado em direção ao inarticulado, em direção ao mundo. A poesia é, então, esse nível que está no limiar, que permite compreensão por estar numa zona próxima à conversação, mas que avança em direção ao não dito, promovendo o novo, formando frases (versos) de impacto, tamanho espanto causado pela aproximação com o que é denso e profundo – indizível.

O filósofo compreende as transformações da linguagem poética em quatro estágios. No primeiro estágio há um clima de recolhimento. “O intelecto não está mais junto com outros intelectos, mas isolado sobre si mesmo.” No segundo há uma concentração da língua. “Sua estrutura torna-se mais densa, surgem novas ligações entre as partes, surgem novas regras.” (FLUSSER, 1963, p. 161). O terceiro aponta para o teor impermeável da língua, para a dificuldade de análise por parte do intelecto. Nesse ponto, as palavras já não são decodificadas com tanta facilidade e precisão, é justamente esta dificuldade que preserva sua autenticidade. “Toda tentativa de analisar a língua neste estágio a afrouxa e destrói-lhe a qualidade de impermeabilização, isto é, a qualidade poética.” O quarto estágio, a habilidade do poeta em relação à língua, a conversação é superada: “[...] a língua está à mão, tornou-se instrumento.” (FLUSSER, 1963, p. 160-161).

O poeta, tendo domínio da linguagem a ponto de utilizá-la como instrumento, encontra-se em ambiente elevado, como quem observa a conversação e seus conceitos, aproxima-se do indizível e dele traz o espanto para a poesia. O poeta consegue romper com a previsibilidade da língua e suas regras gramaticais e semânticas. Com isso, a poesia cria língua, porque cria novos significados. A poesia mantém a língua viva, pois ao dizer originariamente o que diz, como se fosse a primeira vez, mais que versar sobre a realidade, desvela o abismo no qual essa realidade se sustenta.

A poesia mostra a estranheza própria da linguagem, o nada original no qual se funda a sua possibilidade discursiva. Em tudo o que ela diz, a poesia sempre mostra como a linguagem é abismal, medonha, fascinante, maravilhosa – como ela é indizível... Na poesia, a linguagem é falante por instaurar o indizível e, assim, promover a experiência de seu próprio mistério (PESSOA, 2002, p. 172).

A missão dos poetas é dupla, pois ao mesmo tempo em que são os nossos bandeirantes em busca dos mistérios do inarticulado, o poeta precisa dosar o nível de recolhimento. É por estar distante do falatório e se aproximar do indizível que a poesia é capaz de produzir sentidos improváveis e, por isso, criar in-formação (dar forma). Flusser, no entanto, afirma que esse lugar propício para a criação é também o limite para o intelecto, pois a linguagem poética aproxima-se do nada de tal maneira que pode perder-se, romper com todas as regras da língua e decair em situação semelhante à salada de palavras, zona inautêntica do hemisfério sul na qual as palavras encontram-se muito distantes da realidade, são sem sentido – entrópicas.

Nesse estágio, as linhas que ligam os pensamentos, promovendo troca de informações e síntese, se rompem, e o intelecto (formado pela linguagem na coletividade) se dissolve. “No lugar da rede da conversação, onde antes estava o nó, abre-se, de repente, o abismo do nada, dentro do qual flutuam destroços de frases, uma realidade aniquilada, a salada de palavras.” (FLUSSER, 1963, p. 214). O distanciamento em relação ao mundo, à realidade é tamanho que toda a liberdade linguística torna-se estéril, não produz novos sentidos, as frases encontram-se soltas, sem propósito: “As regras juntam-se e separam-se sem nenhuma regra aparente. [...] Os restos despedaçados do intelecto, vagando e divagando por sobre o nada, dissolvem-se progressivamente nele.” (FLUSSER, 1963, p. 167). Na salada de palavras, os intelectos estão perdidos; em vez de partirem do nada, criando formas de organizar o inarticulado, caminham para o efeito nulo de uma liberdade caótica, marcada pela impossibilidade de escolhas coerentes. As escolhas são feitas no escuro, não há direção nem sentido. Estão soltas na abstração.

A camada que está acima da poesia é denominada por Flusser como oração. Trata-se do estágio mais distante em relação à conversação (camada mais próxima da língua usual), do ambiente inundado pelo indizível, pelo inarticulado. A oração é o último vestígio de língua antes do silêncio absoluto do nada. Flusser entende que esse contato com o indizível ocorre de duas formas: “[...] a peroração, que ocorre mediante o simbolismo matemático

e lógico: e a adoração, que inclui todas as outras abordagens do intelecto ao indizível e tem, geralmente, a forma de reza.” (BATLICKOVA, 2010, p. 79). Na peroração, os elementos linguísticos são aos poucos substituídos por elementos matemáticos, ainda mais abstratos que as letras, formando espécies de metalínguas, cujo funcionamento nada tem a ver com a leitura linear da língua. Os elementos desses códigos matemáticos não permitem interpretação, eles só permitem o cálculo.

O filósofo procura explicar a insustentabilidade da lógica-matemática aplicada à linguagem e à construção de pensamento, pois esses elementos, algarismos, são insuficientes para representar as coisas do mundo, são códigos de efeito nulo, incapazes de organizar os elementos da realidade. Devido ao alto nível de abstração desses códigos e dos conceitos que os sustentam, nenhuma espécie de metalíngua formada por códigos matemáticos servem como forma de orientação. A linguagem não pode ser traduzida para códigos matemáticos, pois os algarismos não são capazes de produzir sentido tal como as palavras.

[...] A análise matemática é a tentativa de estabelecer conscientemente diversas camadas linguísticas, ‘metalíngua’, sejam progressivamente mais formais dessas camadas, a do cálculo lógico, da lógica algébrica, da lógica simbólica (ou qualquer que seja a expressão usada por seus construtores), seria puramente formal, abrangeria toda a língua e significaria nada. (FLUSSER, 1963, p. 169-170).

Escrever como quem calcula também é algo condenado por Flusser, pois anular as regras que orquestram a linguagem, desta forma, é destituí-la de autenticidade, é empobrecer e condenar a linguagem ao efeito mecânico, ao efeito nulo, à entropia. E ao se considerar a abrangência da teoria flusseriana, compreende-se que é a diluição do intelecto, que é formado pela língua e determinado por sua estrutura. “Tudo se repete eternamente sempre com as mesmas variações. Todas as frases são reversíveis, todas são reformuláveis mais simples ou mais complicadamente. O aparente processo reside em uma reformulação do eternamente idêntico: do nada.” (FLUSSER, 1963, p. 176). No estágio dominado pela lógica-matemática o intelecto não se põe em ambiente de conversação, não promove síntese de informações recebidas em informações novas, não há renovação e o intelecto dissolve as informações reduzindo-as a algarismos, promovendo repetições constantes.

O aumento da utilização de códigos matemáticos causa a uniformização dos intelectos, já que o teor interpretativo desses códigos inexistente. A tendência de um intelecto regido pela lógica-matemática é absorver a conversação, sem contribuir com nada, apenas traduzindo-a para os novos códigos. Nesse clima de aniquilação da interpretação, há a mudança da conversação para a oração, de forma abrupta, sem que se passe antes pelo estágio da poesia. “O método lógico-matemático ultrapassa a poesia sem nada apreender e compreender dela. Compenetrado como está do aspecto formal e estrutural da língua, o intelecto lógico é incapaz de descobrir-lhe o aspecto poético.” (FLUSSER, 1963, p. 177). Perde-se a capacidade de criação e de organização do caos, possibilitada apenas pela linguagem poética que promove a aproximação da realidade com o inarticulado, por meio do espanto. Sem a poesia, chega-se novamente ao silêncio, ao nada, que após todos os estágios resulta do excesso da crença na razão como cálculo devidamente dominado. O intelecto já não controla seus próprios avanços.

Outra forma de comunicação desenvolvida na camada da oração é a adoração. “Parte da situação poética, mas, ao invés de descer dela para a planície da conversação, pretende continuar a subida até os picos da oração, na esperança de alcançar uma clareza nova.” (FLUSSER, 1963, p. 178). Chega-se, no entanto, ao nível mítico da linguagem, nesse estágio abandonou-se de tal forma a estrutura da língua em conversação que ela é de todo incompreensível. “Naturalmente, essa explicação resulta na dissolução da língua e do intelecto. A separação entre intelecto e língua, entre o aspecto subjetivo e objetivo da realidade, portanto, quebra a realidade. O intelecto supera a língua e dissolve-se. O resto é silêncio.” (FLUSSER, 1963, p. 179).

Na camada da oração, a língua se distancia de tal forma de seu valor comunicativo (conversação) que as palavras estão separadas umas das outras, não fazem sentido. “Vistas a partir da conversação, as regiões além da poesia simplesmente não existem, são irreais por não serem conversáveis.” (FLUSSER, 1963, p. 179). Nesse ponto, a língua como reza (tamanho a abstração) se assemelha a camada do balbuciar, “[...] é a zona dos símbolos que nada simbolizam, a zona das palavras sem significado.” (FLUSSER, 1963, p. 184), quando partindo do nada inicial dos dados brutos começavam a ser traduzidos em linguagem oral, as palavras surgiam ainda sem conexão, na tentativa de fazer referência às coisas do mundo.

Na reza, no entanto, já se percorreu todas as camadas da língua, passou-se pela troca criativa da conversação, do recolher-se criador de poesia e se continuou avançando na complexidade em busca do indizível. A falta de sentido das palavras desconexas na camada da oração adoração aqui é resultado do excesso de abstração alcançado. Na tentativa de encontrar-se com o *nada*, com o mistério do que ainda não foi articulado, perde-se no caos do indizível, chega-se no limite da linguagem, e novamente ao nada.

O nada, na filosofia de Flusser, herda concepções do conceito de nada heideggeriano. Para ambos os pensadores, o contato com o nada se dá pelo espanto e angústia diante do que ainda não foi articulado; portanto, tem valor originário. “Somente à base da originária revelação do nada pode o ser-aí² do homem chegar ao ente e nele entrar. Na medida em que o ser-aí se refere, de acordo com sua essência, ao ente que ele próprio é, procede já sempre, como tal ser-aí, do nada revelado.”³

Heidegger explica que o nada está em meio ao clima da angústia daquilo que não pode ser definido. “O caráter de indeterminação daquilo diante de e por que nos angustiamos, contudo, não é apenas uma simples falta de determinação, mas a essencial impossibilidade de determinação.” (HEIDEGGER, 1943, p. 9). Trata-se da angústia diante das coisas do mundo quando se consegue perceber o clima instigante e suspenso que envolve a aparência das coisas.

Seguindo esse raciocínio, é possível compreender que as coisas do mundo, vistas em sua superficialidade, tal como ocorre nas cidades contemporâneas e nas informações transmitidas por diversos meios de comunicação, podem inibir uma recepção mais aprofundada, que visa abranger o dado apresentado em meio às inter-relações possíveis e seus sentidos originários. “Distintos destes discursos do falatório público, a poesia busca sempre falar considerando a origem do que é dito. Ao contrário de apenas reproduzir o que todos dizem, o discurso poético cuida de dizer o que diz como se fosse a primeira vez.” (PESSOA, 2002, p. 170).

O nada de Heidegger não é negação do ente ou a afirmação da não existência, mas sim a referência ao que não pode ser definido:

² O “ser-aí” heideggeriano, grosso modo, refere-se ao ente em sua forma bruta de aparecer, desprovido de conceitos anteriores. É o princípio da fenomenologia de Heidegger.

³ HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6602418/Que-e-Metafisica>> Acesso em: 21 dez. 2011.

A angústia nos corta a palavra. Pelo fato de o ente em sua totalidade fugir, e assim, justamente, nos acossa o nada, em sua presença, emudece qualquer dicção do ‘é’. O fato de nós procurarmos muitas vezes, na estranheza da angústia, romper o vazio silêncio com palavras sem nexos é apenas o testemunho da presença do nada. Que a angústia revela o nada é confirmado imediatamente pelo próprio homem quando a angústia se afastou. Na posse da claridade do olhar, a lembrança recente nos leva a dizer: Diante de que e por que nós nos angustiávamos era ‘propriamente’ – nada (HEIDEGGER, 1943, p. 9)

Flusser aplica essas concepções ao uso da linguagem. “O *nada*, longe de ser um conceito vazio e negativo, torna-se um superposto sinônimo do *indizível*” (FLUSSER, 1963, p. 142, grifos no original). Assim como existe um nada originário para todas as coisas, existe também um nada originário em relação à linguagem. Retornando ao gráfico identifica-se o nada inicial, referindo-se à fase que antecede a linguagem, quando não havia mediação linguística entre o homem e o mundo. No topo do hemisfério norte há o nada final, referindo-se ao ponto máximo alcançado com todo o desenvolvimento da linguagem e seus níveis de abstração e distanciamento do mundo real. O processo de realização da língua supera a si mesma, cai-se na indiscursabilidade, no silêncio.

O filósofo aplica à sua análise dos estágios linguísticos os princípios da segunda lei da termodinâmica, que prevê a entropia para toda matéria. Esse caminho é traçado no gráfico, no sentido crescente sul – norte, partindo do silêncio inautêntico, passa pelos ruídos sem forma do balbuciar, pelas palavras desconexas da salada de palavras, e chega à repetição inautêntica da conversa fiada. No hemisfério que representa a linguagem, em uso consciente e criativo pelo homem, a conversação é a primeira camada. Nesse estágio o acúmulo de informações amplia progressivamente a capacidade da língua; no entanto, nessa camada impõem-se as limitações das regras e conceitos fixos. A partir daí, libertar-se das regras estruturais da gramática e das convenções linguísticas significa também abstrair-se da realidade vivenciada, da realidade em conversação, para partir em direção à realidade encoberta e aos sentidos originários que se renovam no *devenir*⁴.

⁴ A noção de *devenir* é criada por Heráclito, conforme registro em *Fragments*. A idéia da constante mudança das coisas tem como principal referência a alegoria que envolve o homem e o rio, na qual o passar do tempo e a constante fluidez do rio impede que o homem e o rio sejam algo mais do que um constante vir a ser. “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos”. A “harmonia entre os opostos” também é um elemento importante na idéia de *devenir* de Heráclito, as transformações surgem a partir de uma luta constante entre forças contrárias. (MOSE, 2011, p. 88-89).

A poesia em clima de suspensão cria novos significados para as palavras, novas regras de sintaxe e morfologia, desmembra e reorganiza os discursos criando o espanto, estranhamento e, portanto, in-formação.

O risco, segundo Flusser, está na continuidade desse caminho em direção ao indizível (ao nada), pois há o risco de perder-se, de produzir metalíngua incapaz de ser compreendida, é o caso da camada da oração. Este é o último estágio dessa linha progressiva, a queda novamente no indizível.

Nesse sentido, Flusser evidencia o potencial de criação de língua existente na poesia tendo em vista a autenticidade que ela adquire nesse estágio, graças ao seu posicionamento intermediário entre a conversação diária e nebulosidade da oração. A língua na poesia consegue evitar a queda na entropia, seja por superar a redundância da conversação, seja por se preservar em relação ao nada. Na poesia há um contato com o espanto do indizível (o nada), mas os níveis de abstração não são tão elevados quanto na oração. A linguagem poética garante entendimento suficiente para permitir novas significações para a realidade – orientação.

A busca por trazer a linguagem para perto dos dados brutos funciona como uma postura afirmativa ante a impossibilidade de criar correspondência entre a linguagem e a realidade em si. Tal impossibilidade não é negada, em vez disso, afirma-se a busca de significações possíveis, cuja criação – ficção ou não – é encarada como condição inicial que possibilita multiplicidade inesgotável graças à inventividade humana. Dessa forma, é possível dirigir-se ao espanto inaugural e “[...] continuarmos a grande aventura que é o pensamento, mas sacrifiquemos a loucura orgulhosa de querer dominar o de tudo diferente com o nosso pensamento.” (FLUSSER *apud* BERNARDO, 2008, p. 123).

Os sentidos mostram o mundo em movimentos e relações que impõem significados diferentes, em diversos âmbitos. Cabe ao intelecto procurar ordenar tais significados possíveis, contudo preservando o mistério de uma realidade que não se deixa esgotar. É esta a condição de ordenação do único cosmos possível, pois no mundo as coisas aparecem desordenadas aos sentidos, “[...] são dados inarticulados, isto é, imediatos. Para serem computados, precisam ser articulados, isto é, transformados em palavras.” (FLUSSER, 1963, p. 22). Conforme afirma Flusser, este é o único cosmos possível. Essa ordenação, no entanto, é repleta de incertezas e limitações que a tradução para o código linguístico exige. A arrogância

de imposições estruturais de causa e efeito, de verdades fixas são, portanto, inapropriadas. O clima da linguagem deve ser o da sugestão poética, como quem sugere significados, o que permite a continuidade da busca, evitando o engessamento de proposições que giram dentro de si mesmas.

As coisas tem peso,
massa, volume, tamanho,
tempo, forma, cor,
posição, textura, duração
densidade, cheiro, valor
consistência, profundidade
contorno, temperatura,
função, aparência, preço,
destino e idade
sentido
as coisas não tem paz.
(ANTUNES, 1997, p. 90-91)

No poema acima apresentado, Arnaldo Antunes expõe diversos aspectos das coisas, numa sequência que, de tão extensa, transmite a ideia de que muitas outras características são possíveis além das apresentadas. Essa interpretação se dá, principalmente, pelo uso da última palavra apresentada como elemento da coisa, o sentido. Procura-se dar evidência à diversidade de características, às muitas formas de se apresentar, a multiplicidade de perspectivas a serem analisadas justamente para concluir que os motivos são múltiplos, que, no mundo, as coisas não estão em ordem, tal o que se concebe como ordem, como combinação, como sequência lógica de causa e efeito. E, na última linha, afirma “As coisas não tem paz”. Os humanos são os que, por meio da linguagem, procura impor a ordem – paz – às coisas e essa ordem é pautada pela linearidade traçada na escrita. O poeta rompe, de certa forma, com esta linearidade, pois o que há em todo o poema, exceto na última linha, é uma sequência de características postas uma depois da outra, sem conexões que as relacionem, mas sim pausas marcadas pelo uso de vírgulas entre essas características sintetizadas em uma palavra por vez para mostrar os diversos aspectos de uma coisa. O poema, portanto, não pretende definir. A coisa não é ao menos identificada. As características expostas cabem a todas as coisas, para sugerir, portanto, que todas as coisas tem múltiplos significados e que o entendimento é incapaz de condensar toda a realidade.

Com a leitura dos poemas de *As coisas*, faz-se uma espécie de viagem no tempo-espaço. Retorna-se à experiência inaugural da linguagem, em nível não tão primário quanto os ruídos sem forma do balbuciar ou a confusão de palavras da salada de palavras, mas sim ao ponto em que o humano passa a articular de forma consciente, a linguagem para organizar suas impressões sobre os fenômenos. Antunes retorna ao momento de passagem da salada de palavras para a conversação. Está-se na linha central do Equador da realidade, no ponto de maior autenticidade em relação à língua, pois trata-se do momento de consolidação das regras lógico-gramaticais da língua, configurando o intelecto e os moldes cognitivos de acúmulo e processamento de informações. “Formam-se frases, isto é, surgem informações, e estas são emitidas e tornam-se mensagens. Os intelectos são os lugares dentro da conversação onde as informações surgem ou são acumuladas.” (FLUSSER, 1963, p. 148). Preserva-se nesse estágio, no entanto, a preocupação de língua como orientação em meio ao mundo. Nesse estágio, a língua ainda está próxima da procura por compreender o mundo dos fatos, do aparecer das coisas. O nível de abstração é moderado, os conceitos menos complexos e menos distantes da vida.

Referências bibliográficas

ANTUNES, A. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

BATLICKOVA, E. *A época brasileira de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2010.

BERNARDO, G.; FINGER, A.; GULDIN, R. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. *Língua e realidade*, São Paulo: Herder, 1963.

_____. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011b.

HEIDEGGER, M. *Que é metafísica*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6602418/Que-e-Metafisica>> Acesso em: 21 dez. 2011.

MOSÉ, V. *O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PESSOA, F. M. Da linguagem, poesia e filosofia. In: *Poesia: Horizonte & Presença*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, 2002, p. 165- 174.